

## Representações, opiniões e comentários

Carla Teixeira

**Abstract:** This paper is about the use of self-referential markers *comentário* (*comment*) and *opinião* (*opinion*) on journalistic activity related to the text genres in which they occur.

On this matter, the text analysis main reference will be the study of Correia & Pereira (2015) stated on the Theory of the Predicative and Enunciative Operations about two texts presented as *opinião* and as *comentário*. The authors observed that regarding the thematic content, there is a pre-constructed knowledge, and on an utterance level, there is a rupture between the subject and the enunciator, as well as the occurrence of verb tenses that initiate a rupture with Sit<sub>0</sub> for the *opinião* text, or are anchored on Sit<sub>0</sub> for the *comentário* text. Within the scope of the Socio-Discursive Interactionism, these marks point out the predominance of the following types of discourse: theoretical discourse, in the case of the *opinião*, and interactive discourse, in the case of the *comentário*.

Considering the socio-discursive work program and an approach which comprises different linguistic analysis levels, several texts presenting the mentioned self-referential markers are analysed, according to the following research hypothesis: in journalistic activity context, do these markers and the texts in which they occur act as the representation of social practices?

### 1. Introdução

É propósito deste trabalho refletir sobre o uso dos marcadores autorreferenciais *comentário* e *opinião* na atividade jornalística e o modo como se relacionam com os géneros textuais nos quais ocorrem, tomando as referidas designações como marcos que potencialmente apontam para uma ação de linguagem<sup>1</sup>. Desse modo, pretende-se responder às seguintes questões de investigação: a que prática(s) de linguagem os marcadores comentário e opinião estão associados? A que modelos de texto estão associados estes marcadores autorreferenciais? Que marcas textuais emergem dos textos com estes marcadores autorreferenciais? É possível identificar mudanças (recentes) no uso destes marcadores autorreferenciais? Qual é a relação representacional destes marcadores com o social?

---

<sup>1</sup> Esta reflexão inscreve-se no âmbito do projeto CoRUs — Conhecimento, representação e uso (UID/LIN/03213/2013).

### 2. Enquadramento teórico: Interacionismo Sociodiscursivo

O Interacionismo Sociodiscursivo promove um programa de trabalhos de estudo do agir que combina a observação do contexto sociossubjetivo com a análise microlinguística dos textos enquanto exemplares de um género textual. Logo, as dimensões social, psicológica e linguística são objeto de reflexão articulada a concretizar sempre que possível.

Deste modo, evidenciam-se as noções interacionistas de atividade de linguagem e ação de linguagem como relevantes na problematização do contexto externo e do contexto interno, respetivamente, e que reportam às condições de produção de textos. Ou seja, a atividade de linguagem é um fenómeno coletivo de produção e de circulação de textos que demarca contextos e propriedades das atividades em geral; por outro lado, a ação de linguagem está afeta ao individual, pelo que requiere uma tomada de fala ou de escrita de um sujeito, integrado numa situação social à qual estão previamente associados fins comunicacionais e que dotam o sujeito de um

papel social (Bronckart & Stroumza 2002: 223). Os géneros de texto relacionam as referidas dimensões psicossocial e microlinguística, pelo que devem ser considerados construções socio-historicamente situadas que orientam os fins da ação de linguagem (Bronckart 2003: 103).

Para este estudo, convocam-se ainda os tipos de discurso. Estes são um instrumento de análise de textos e do agir que unem a reflexão sobre a dimensão psicológica e a dimensão material ou linguística. Integrados na infraestrutura textual da arquitetura interna dos textos, a organização dos tipos de discurso como modos enunciativos assenta na marcação da temporalidade em duas ordens, expor e narrar, sendo acompanhada de novo fracionamento motivado pela implicação ou autonomia do sujeito nos enunciados. Assim, quatro construtos psicológicos, ditos mundos discursivos são efetivamente realizados enquanto tipos de discurso: discurso interativo e discurso teórico na ordem do expor e relato interativo e narração na ordem do narrar. Os primeiros tipos de discurso de cada ordem correspondem a produções textuais enunciativamente implicadas e os segundos a produções autónomas, do ponto de vista da presença do sujeito enunciadador (Bronckart, 2003: 137-216, 2008: 62-75)

### **3. Marcadores autorreferenciais e representações sociais**

A organização das publicações jornalísticas afigura-se de alguma complexidade. Segundo Adam (1997: 4), há categorias jornalísticas que indiciam o género discursivo a que pertencem, tais como evidenciam os nominais *comentário*, *editorial* e *reportagem*. Além destas categorias, existem também as seções que organizam conteúdos de um ponto de vista temático; entre estas, por exemplo, contam-se *política*, *economia*, *cultura*, *sociedade*, *desporto*... Em ter-

mos de macroestrutura do texto, verifica-se, ainda, que estes nominais se situam no peritexto (Adam 1997: 5) dos textos jornalísticos e que o facto de, espacialmente, precederem esses textos constituem uma espécie de apresentação dos mesmos. Designadas «unidades de redação» por Adam, segundo Broucker [1995, *Pratique de l'information et écritures journalistiques*. Paris: CFPJ] (apud Adam 1997: 8) relacionam-se enquanto pertencentes à família de géneros de comentário cujos textos dão conta de ideias (por oposição a géneros informativos que reportam factos). Sendo típicas desta atividade social, estas unidades redacionais são amplamente utilizadas nas atividades de linguagem praticadas. Destaca-se, então, o papel das mesmas unidades na organização textual, designadas neste trabalho anteriormente como marcadores autorreferenciais.

Sublinha-se o uso coletivo destas marcas ou etiquetas e, nesta medida, o facto de poderem atuar como representações sociais, tal como caracterizadas por Py (2004: 6-8). Adaptando a perspetiva deste autor à perspetiva interacionista, as representações são construídas nos textos e difundidas no tecido social, constituindo uma espécie de “microteoria económica” de comunicação, pois são simples e aplicáveis num grande domínio, facilitando interpretações relacionadas com a ação em curso; ainda que não sejam partilhadas por todos, permitem que todos reajam interpretativamente à sua referência, o que comporta uma aparência de legitimidade.

Deste modo, é de concretizar as questões de investigação apresentadas e perguntar se os marcadores autorreferenciais *comentário* e *opinião* podem atuar como representações sociais na atividade jornalística portuguesa, cuja utilização é frequente.

#### 4. Um ponto de partida para a análise de textos...

Para este estudo, retomo o trabalho de Correia & Pereira (2015) formulado no quadro da Teoria das Operações Enunciativas. As autoras centram-se «na análise das formas e construções linguísticas, enquanto ferramentas referenciais que [...] permitem apontar evidências significativas para o estudo dos géneros textuais.» (Correia & Pereira 2015: 48) Por isso, ainda que não pretendam problematizar a noção de género textual, assumem-na ao comparar a construção da referência nominal e da referência temporal em dois textos do jornal *Público* etiquetados como *opinião* (T1) e *comentário* (T2). Em ambos os textos, a «ocorrência de expressões definidas para um conhecimento pré-construído das diferentes entidades»; em particular, no caso de T1, há um conhecimento partilhado sobre o mundo que assume uma natureza gnómica, e em T2, verifica-se um conhecimento ancorado a um espaço-tempo delimitado (Correia & Pereira 2015: 49-50). As diferenças mantêm-se ao nível da temporalidade: em T1, há uma predominância de tempos gramaticais que desencadeiam uma rutura em relação a Sit<sub>0</sub>, e em T2 são predominantes os tempos gramaticais ancorados em Sit<sub>0</sub>, no entanto, tanto em T1 como em T2 há «rutura entre os sujeitos dos enunciados (3<sup>a</sup> pessoa) e o sujeito enunciador S<sub>0</sub>» (Correia & Pereira 2015: 57).

#### 5. A análise de textos

A análise focar-se-á em vários segmentos iniciais e finais selecionados dos textos recolhidos, T1, T2 e T3 e que constituem o *corpus* (cf. *corpus*, no final deste artigo). Na impossibilidade de analisá-los detalhadamente, evidenciaram-se alguns elementos textuais que fundamentam as opções tomadas.

Para responder às questões de investigação formuladas e para um melhor

entendimento das conclusões de Correia & Pereira (2015), começar-se-á por recuperar o primeiro texto estudado pelas autoras, de acordo com a perspetiva sociointeracionista.

T1 é um texto etiquetado como *opinião*, no qual se evidencia o tipo de discurso misto interativo-teórico: observa-se a construção de um ponto de vista sobre uma referência histórica, a União Europeia (UE), apresentado com parcialidade, como se constata pelo uso do nominal adjetivado «ideia utópica» ou do nominal «catástrofe» que confere uma avaliação depreciativa ao projeto europeu. Além de instituir a realidade presente como o momento da enunciação através da localizador espacial «por aqui» [= Portugal], o segmento conclusivo remata com a opinião crítica do autor, Vasco Pulido Valente, sobre os partidos nacionais de esquerda e de direita que se comportam de maneira obsoleta. Estas marcas evidenciam a presença de um sujeito comprometido enunciativamente [T1/Ex. 1], sendo evidente o tipo de discurso interativo. Quanto à construção referencial do conteúdo temático, a UE, é feita recorrendo, por exemplo, à oração nominal «Nascida durante a “guerra fria”» e a uma apresentação da referência com recurso a conetores textuais, tais como «mas» e «nunca» que ocorrem combinados com uma função argumentativa; isto denota um sujeito não implicado nos enunciados, ainda que se expresse negativamente sobre o assunto que trata, o que aponta para o discurso teórico [T1/Ex. 2].

O segundo texto, T2, é um texto no qual ocorre o marcador autorreferencial *comentário*, da autoria de Leonete Botelho. Ao contrário de T1, não corresponde ao texto analisado por Correia & Pereira (2015). Assumirei que T2 pertence ao mesmo género textual que esse texto, pois, além de estar etiquetado do mesmo modo, foi escrito pela mesma

autora e publicado cerca de 15 dias antes no mesmo jornal. Verificar-se-ão ainda o mesmo tipo de marcas linguísticas aferidas por Correia & Pereira (2015).

Comprova-se a construção de um sujeito comprometido em T2 que, inicialmente, modaliza o seu ponto de vista com o uso da forma verbal «parece» no presente do indicativo cujo sujeito sintático não coincide com o da enunciação, sugerindo que o Governo português não possui visão estratégica, logo, competência suficiente para governar [T2/Ex. 1]. Isto confirma-se nos segmentos finais com a formulação explícita da questão através do nominal «problema» e do segmento «Más notícias, portanto.», composto por um nominal adjetivado com valor depreciativo e reforçado pelo conector conclusivo. Os segmentos seguintes retomam o mesmo tom crítico na construção disjuntiva «À falta de doutrina e de modelos, resta improvisar. Ou deixar que outros improvisem por si.», configuradores do discurso interativo [T2/Ex. 2].

A presença do próximo texto, T3, decorre da procura por textos etiquetados com os marcadores autorreferenciais *opinião* e *comentário*. Foi igualmente publicado no mesmo jornal de T1 e T2, poucos meses após estes textos. Como se observa, T3 é da mesma autora de T2, Leonete Botelho, porém apresenta o marcador autorreferencial *opinião*. Do ponto de vista dos tipos de discurso, verifica-se uma configuração interativa a partir da construção de um momento enunciativo que não se circunscreve ao presente do indicativo, mas à atualidade como se vê no localizador temporal «quinta-feira à noite» [T3/Ex. 1]. Por isso, essa mesma atualidade é retomada do ponto de vista espacial com a referência ao cenário da escadaria do Parlamento, cujos factos são reapreciados com base no entendimento partilhado dos leitores do que é uma manifestação

e como se comportam os cidadãos em protesto. No final do texto, os cidadãos portugueses são convocados para a cena enunciativa por meio do pronome pessoal «nós», vincando o carácter dialogal do segmento [T3/Ex. 2].

## 6. Notas finais

De acordo com os dados observados, é possível constituir dois grupos de textos: um primeiro grupo corresponde a T1, o texto apresentado como *opinião* da autoria de Vasco Pulido Valente, colunista do jornal onde foram publicados os textos analisados. Sob uma perspectiva de análise sociodiscursiva complementada com Correia & Pereira (2015), verificou-se a construção de um ponto de vista pessoal no qual a construção da referência assume uma dimensão de natureza gnómica, tratando-se de um conteúdo temático cujas conclusões assumem uma dimensão moral além do momento da enunciação, configurando-se um tipo de discurso interativo-teórico.

No segundo grupo de textos, encontram-se os textos da editora de Política e dos assuntos nacionais do jornal *Público*, Leonete Botelho, T2 e T3, catalogados como *comentário* e *opinião*, respetivamente, nos quais se destacaram o uso do discurso interativo. Este tipo de discurso é determinado pelo ponto de vista pessoal, no entanto o referente tomado é um acontecimento recente.

Uma primeira ilação a tirar é que, no jornal *Público*, se parece notar uma preferência atual pelo uso do marcador autorreferencial *opinião*: independentemente das etiquetas em T2 e T3, o tipo de discurso identificado foi o mesmo e as marcas linguísticas aferidas mostraram-se regulares. Efetivamente, dá-se conta de dois modelos textuais distintos como representantes de diferentes práticas jornalísticas; isto é, o modelo 1 corresponde a T1 e o modelo 2 a T2 e T3.

Considerando que os marcadores autor-referenciais *opinião* e *comentário* têm um uso relacionado na construção do ponto de vista pessoal, a segunda ilação é que nas diferentes práticas jornalísticas se observam modos enunciativos distintos, o que se reflete na construção de uma referência igualmente diferente, mas que *comentam*. Ou seja, no domínio da atividade jornalística, é possível ter uma atividade de linguagem *comentar* materializada em diferentes ações de linguagem e que correspondem, segundo os exemplos, ao modelo textual 1 ou ao modelo textual 2.

### Corpus

Vasco Pulido Valente

**T1:** A esquerda e a direita continuam em 1988, in *Público*, 30/11/2013, <http://www.publico.pt/mundo/noticia/a-esquerda-e-a-direita-continuam-em-1988-1614441>

T1/Ex. 1: «A UE foi desde o início uma ideia utópica, que só podia levar a uma catástrofe. Nascida durante a “guerra fria”, tinha por força de ser democrática, na forma e na retórica. Mas nunca deixou de estar sob o domínio do poder dos grandes países que a tutelavam e da burocracia de Bruxelas que os servia.»

T1/Ex. 2: «Por aqui, nem a esquerda, nem a direita falaram disso. Continuam ainda em 1988.»

Leonete Botelho

**T2:** É tudo improvisado, in *Público*, 16/11/2014, <http://www.publico.pt/politica/noticia/e-tudo-improvisado-1612739>

T2/ Ex. 1: «O Governo parece ter sido surpreendido com o anúncio de que a Irlanda dispensara a necessidade de um programa cautelar (...).»

T2/ Ex. 2: «O problema é que o Governo não tem sabido criar caminhos próprios. (...) Más notícias, portanto. À falta de doutrina e de modelos, resta improvisar. Ou deixar que outros improvisem por si.»

**T3:** Fogo controlado, in *Público*, 07/03/2014,

<http://www.publico.pt/politica/noticia/fogo-controlado-1627490>

T3/ Ex. 1: «Foi uma prova de força e civismo aquela que os milhares de polícias deram quinta-feira à noite, em frente ao Parlamento, de ambos os lados da barricada.»

T3/ Ex. 2: «Os polícias saíram à rua dos dois lados, dividiram a escadaria do Parlamento a meio, dançaram a dança do fogo e cantaram o hino nacional. A polícia saiu à rua para nós podermos ficar em casa.»

### Referências

Adam, Jean-Michel (1997) Unités rédactionnelles et genres discursifs. Cadre general pour une approche de la presse écrite. In *Pratiques*, n° 94. Paris: Nathan, p. 3-18. Disponível em: [http://www.pratiques-cresef.com/p094\\_ad1.pdf](http://www.pratiques-cresef.com/p094_ad1.pdf) Consultado em: 14.09.2013.

Bronckart, Jean-Paul & Stroumza, K. (2002) Les types de discours comme traces cristallisées de l'action du langage. In: *Les analyses de discours au défi d'un dialogue romanesque*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, pp. 213-263.

Bronckart, Jean-Paul (2003) *Textos e Discursos. Por um Interacionismo Sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC.

Bronckart, Jean-Paul (2008) Genre de textes, types de discours et “degrés” de langue. In *Texto!* Janvier, vol. XIII, n° 1. Disponível em <http://www.revue-texto.net/index.php?id=86> (consultado a 19 de julho 2013).

Correia, Clara Nunes & Pereira, Susana Pereira (2015) Formas e Construções linguísticas no Português Europeu: ferramentas referenciais e género textual. In *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 16 (1), pp. 48-60. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/artic/e/view/12247> (consultado a 21 dezembro 2015).

Py, M. Bernard (2004) Pour une approche linguistique des représentations sociales. In *Langages — Représentations métalinguis-*

## Cadernos WGT: *Representação*

*tiques ordinaires et discours*, 158, pp.6-19.

Disponível em:

[http://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_2004\\_num\\_38\\_154\\_943](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2004_num_38_154_943) (consultado a 21 dezembro 2015).